

Manuel Ferro 

*Universidade de Coimbra  
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos  
ferro@fl.uc.pt*

## **Camões e a globalização da Língua Portuguesa**

### **Inês de Leiria**

Encontrou Fernão Mendes  
No interior da China  
(E em que apuros ele ia!)  
A velha portuguesa,  
Chamada Inês de Leiria,  
Que de repente reza:  
*Padre Nosso que estais nos céus...*  
Era de português o que sabia.

Ouvindo Fernão Mendes  
Esta voz que soava  
(Fernão cativo e cheio de tristeza!)  
O português sorria...  
*Padre Nosso, que estais nos céus...*  
A velha mais não sabia,  
Mas bastava.

Boa Inês de Leiria,  
Cara patricia minha,  
Embora te fizesse  
A aventura imortal  
De Portugal  
Chinesa muito mais que portuguesa,  
– Pois por esse sorriso de Fernão  
Tocas-me o coração.

Deste-lhe em tal ensejo,  
Entre as misérias da viagem,  
O mais gostoso e saboroso beijo  
– O da Linguagem!  
(Vieira, 1940: 39–40)

**Resumo:**

Partindo do poema “Inês de Leiria” de Afonso Lopes Vieira, por sua vez inspirado no capítulo 19 da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, ali se relata uma das aventuras deste autor no interior da China em pleno século XVI: o encontro com uma chinesa que reza “Padre Nosso que estais nos céus...”, a única coisa que sabe do Português, mas que é o suficiente para surpreender o viajante e lhe permite um inesperado contacto com a língua materna. É verdade que na época se tinha superado a fase de evolução da língua a partir do latim vulgar, passando pela fase inicial de formação do romance e, depois, do galaico-português, com a consequente separação do Galego e do Português. O século XVI foi uma época de ouro, de sistematização, enriquecimento e exaltação da Língua Portuguesa, mediante os contributos da generalidade dos escritores e, muito em particular, de António Ferreira e Luís de Camões, de modo a criar-se uma norma linguística. O idioleto de Camões tornou-se de tal modo modelar que foi reconhecido nos séculos seguintes pelos gramáticos, teorizadores e críticos como padrão, ao mesmo tempo que o Poeta se arvorava em símbolo máximo da identidade nacional. Em paralelo, graças às viagens e contactos com outras terras, povos e culturas, lançam-se as bases do Português como língua de contacto a nível global, antecipando-se na modernidade a consciência nacional duma comunidade de países de expressão portuguesa, e surgindo do intercâmbio com os povos nativos os crioulos e *pidgins*, além da presença inesperada da nossa língua em horizontes

geográficos e linguísticos variados, pelo que se constituiu em simultâneo e em Português o maior banco de dados da primeira grande experiência de globalização do mundo conhecido.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa, Luís de Camões, Globalização linguística, Século XVI, Afonso Lopes Vieira, Fernão Mendes Pinto

**Abstract:**

**Camões and the Globalization of the Portuguese Language**

Starting with the poem “Inês de Leiria” by Afonso Lopes Vieira, which was inspired by chapter 19 of Fernão Mendes Pinto *Peregrinação* [Pilgrimage], the article reports an experience that the latter author had in the interior of China in the middle of the 16<sup>th</sup> century: the meeting of a Chinese woman saying the Christian Lord’s Prayer, the only words she knew in Portuguese. This was enough to surprise the traveler and allow him an unexpected contact with his mother tongue. It is true that, at the time, the evolution of the language from Vulgar Latin had been completed surpassed, passing through the initial phase of the formation of Romance, followed by Galician-Portuguese, with the subsequent separation of Galician and Portuguese. The 16<sup>th</sup> century was the golden age of systematization, enrichment and vibrancy of the Portuguese language, brought about by a combined effort of eminent writers, including, in particular, António Ferreira and Luís de Camões, with the aim of creating a linguistic standard. Camões’ idiolect became a model (which would be recognized in the following centuries by grammarians, theorists and critics as a standard) at the same time when the Poet hailed himself as the ultimate symbol of national identity. Simultaneously, thanks to travels and contacts with other lands, peoples and cultures, the foundations of Portuguese as a contact language are laid at a global level, anticipating in modernity the national consciousness of a community of Portuguese-speaking countries, and emerging from the exchange with the native peoples the Creoles and *Pidgins*, in addition to the unexpected presence of our language in different geographical and linguistic horizons, which is why it was simultaneously and in Portuguese the largest database of the first great experience of globalization in the known world.

**Keywords:** Portuguese language, Luís de Camões, linguistic globalization, 16<sup>th</sup> century, Afonso Lopes Vieira, Fernão Mendes Pinto

O poema intitulado “Inês de Leiria” foi composto por Afonso Lopes Vieira e publicado no seu livro *Onde a Terra acaba e o Mar começa*, em 1940 (Vieira, 1940). Foi inspirado no capítulo 91 da *Peregrinação*

de Fernão Mendes Pinto (Pinto *et al.*, 2017: 331–334), que relata o momento em que o protagonista sobe o rio Batampina, em direção à cidade de Sampitay, na província de Jiangsu, no coração da China. Perdida no desconhecido, aquela comitiva que se dirigia a Pequim encontra essa peculiar mulher, filha dum português, Tomé Pires, que em tempos tinha ido como embaixador ao rei da China, mas cuja missão se gorara, acabando ali desterrado e casado com uma chinesa. Fiel a um rudimentar Cristianismo, numa comunidade de convertidos ali residentes, é essa identidade religiosa que leva Inês de Leiria a proteger o grupo de portugueses que agora aportava à cidade. Aventureiro, embarcado, soldado, missionário, diplomata, mercenário, explorador, Fernão Mendes foi ainda prisioneiro, náufrago, escravo, e sobretudo um grande aventureiro que a certa altura passa a desvendar à Europa o universo do misterioso Oriente asiático. Este episódio traduz de modo emotivo a comoção sentida ao encontrar nos confins do mundo a desbravar “o gostoso e saboroso” encontro, também inesperado, do doce contacto da língua materna. Contemporâneo de Luís de Camões, João de Barros ou Fernão Lopes de Castanheda, foi Mendes Pinto igualmente um dos obreiros que contribuíram para a normalização da língua portuguesa no seu tempo, tal como era falada.

Na realidade, em pleno século XVI, longe ia já o tempo das primeiras manifestações de afirmação da identidade linguística no noroeste da Península Ibérica. Depois da lenta evolução do latim vulgar, em que se assiste à mudança, do ponto de vista fonético, da duração das vogais em breves ou longas para um sistema de acentuação de intensidade, têm lugar mutações consonânticas, de modo mais incisivo em grupos que sofrem a palatalização das sequências pl-, cl-, fl em ch-; a sonorização e síncope de consoantes intervocálicas; a nasalação de vogais por assimilação regressiva de consoantes nasais; ao mesmo tempo que desaparecem gradualmente as declinações e a função das palavras na frase passa a fundar-se no seu lugar de posição ou mediante o recurso a preposições e conjunções, de modo que o acusativo tende a sobrepor-se aos restantes casos e a servir de base para a formação do léxico. Outros fenómenos foram também tidos em consideração, como o condicionamento provocado pela interferência de resíduos

subsistentes dos substratos pré-romanos e, depois, o enriquecimento do léxico com o vocabulário de origem visigótica e posteriormente de matriz árabe, aditamentos expressivos muitas vezes resultantes da assimilação de palavras relacionadas com a gíria profissional ou as ocupações prevaletentes (Cf. Neto, 1952: 397–425; Teyssier, 1982: 6–30; Castro, 2004, 68–81; Castro, 2006: 155–171; Banza e Gonçalves, 2018: 17–28).

Na realidade, a verdade dos factos é que em toda a latinidade se assiste a fenómenos paralelos, que contribuem para a configuração do romance, e que confluíam depois na formação das futuras línguas nacionais, acentuando cada uma as suas marcas identitárias (Cf. Castro, 2004, 53–68). Na Península Ibérica, ao mesmo tempo que se testemunha a reconquista cristã de norte para sul, de acordo com as diferentes frentes, nascem, como é sabido, o catalão, o castelhano, um conjunto de dialetos hispânicos ocidentais, que incluíam o asturiano, o leonês e o galaico-português, donde derivaria a nossa língua (Cf. Banza e Gonçalves, 2018: 29–31).

O nordeste peninsular, tendo em conta o substrato celta mais acentuado, mais tarde depois marcado com a ocupação sueva, a que se sucede o prestígio do santuário de Santiago de Compostela, uma configuração política menos feudalizante e a localização periférica face a toda a România, reúne um conjunto de fatores que contribuem para uma clara diferenciação linguística. Como Clarinda de Azevedo Maia defende, o galaico-português constitui uma unidade, um estado linguístico no nordeste peninsular que se projeta dos fins do século IX aos primórdios do século XIII – esta é a fase proto-histórica do nosso idioma (Cf. Maia, 2017). Aprendemos nos bancos da escola que os documentos redigidos em Português de maior antiguidade são, de teor notarial, a *Notícia do Torto*, com datação provável anterior a 1211, e o testamento de D. Afonso II, de 1214; de feição literária, as cantigas de João Soares de Paiva e de D. Sancho I, de cerca de 1200, e de seguida a *Cantiga da Garvaia* de Paio Soares de Taveiró (Cf. Saraiva e Lopes, 1975: 21). A partir de então, no período arcaico, verifica-se que, no espaço demarcado pelos rios Minho e Mondego

e por ação dos falares moçárabes aí existentes, a prática quotidiana da língua e a sua sujeição a uma disciplina gramatical e escolar mais estruturada, a conduzem a uma diferenciação cada vez mais acentuada face ao galego. Depois do século XIV, a língua portuguesa, quer a comum, quer a literária, resulta duma rápida fusão e evolução dos falares centro-meridionais, que, com a afirmação da centralização do estado monárquico em Lisboa, fizeram com que a norma linguística se fosse afirmando no eixo situado entre a capital e Coimbra. A rápida evolução fonética, bem como as transformações a nível morfológico e sintático, ocorridas mais ou menos espontaneamente, visando uma uniformização e padronização de variantes, abrem caminho a uma intenção preparatória de posterior codificação gramatical. Sem dúvida que o abandono do latim no reinado de D. Dinis na prática notarial, a criação da Universidade, a organização do ensino escolar eclesiástico, o estímulo dado à tradução de obras latinas, a gradual valorização da corte como centro de cultura, assim como alguns conventos e mosteiros, tudo isso contribuiu para o polimento e racionalização da língua portuguesa. Depois, no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, já se denotam traços de latinização do nosso léxico, inicialmente ao nível da escrita, conferindo-lhe uma feição mais erudita. Surgem então as primeiras gramáticas, a de Fernando de Oliveira, em 1536, e a de João de Barros, em 1540; assim como o primeiro dicionário Português-Latim e Latim-Português, de Jerónimo Cardoso, em 1562. Os escritores deste século de ouro cultivam a língua e elevam-na a um grau de perfeição difícil de superar. Gil Vicente, António Ferreira, Sá de Miranda, Bernardino Ribeiro, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Fernão Mendes Pinto, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Garcia de Resende, João de Barros, Diogo do Couto, Garcia d'Orta, entre muitos, muitos mais são os nomes garantes dum programa que levou o nosso idioma à sua idade maior (Cf. Saraiva e Lopes, 1975: 15–26).

Na linha quinhentista de defesa dos vulgares perante a supremacia do latim, representada e defendida pelos humanistas, dos nomes apontados, António Ferreira já ousa tecer o conhecido louvor da língua

portuguesa, contido na Carta III do Livro I dos *Poemas Lusitanos*, endereçada a Pero de Andrade Caminha:

Floreça, fale, cante, ouça-se e viva  
A portuguesa língua, e já, onde for,  
Senhora vá de si soberba, e altiva,

Se téqui esteve baixa, e sem louvor,  
Culpa é dos que mal a exercitaram:  
Esquecimento nosso, e desamor. (Ferreira, 2000: 263)

É nesse contexto, que o maior de todos, a figura genial de Luís de Camões, se vai impor e a todos eles exceler e superar. Na realidade, este Poeta tem, como nenhum dos contemporâneos e mesmo poucos de toda a literatura portuguesa, o pleno domínio dos recursos expressivos e estilísticos da língua portuguesa, deslizando com a maior facilidade de qualquer um dos níveis do idioma para outro que se considere conveniente. Do tom mais coloquial e faceiro das cartas, por exemplo, ao mais sublime da epopeia, ou ao culto de Petrarca, Garcilaso e Bóscan na lírica de medida italiana, a fim de exprimir o confronto interior do incerto estado amoroso, o engano e desengano da vida, o fado ingrato, tudo é exposto, segundo as palavras de Aníbal Pinto de Castro, “numa riqueza sémica e numa etérea eurritmia, para encontrar com imarcescível beleza os signos mais adequados à expressão de estados emocionais ou intelectuais caracterizados pela delicada subtilidade psicológica, pela pura abstracção mental, pelo intenso sofrimento moral ou pela angústia escatológica do pecador arrependido” (Castro, 2007: 319). Naturalmente que tal capacidade expressiva só é possível graças a um pleno domínio do idioma. E o Poeta está consciente disso e declara-o até a D. Sebastião no fecho d’*Os Lusíadas*:

Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiência misturado,  
Nem engenho, que aqui verei presente,  
Cousas que juntas se acham raramente. (Camões, 1972: X, 154, 5–8)

Fundado decerto na sua formação académica, reconhece a direta filiação da língua portuguesa na matriz fecunda do Lácio e, a tal ponto, que o declara pela boca de Vénus, no episódio do concílio dos deuses, do Canto I da epopeia, quando procede à defesa da Lusitana gente:

Sustentava contra ele [Baco] Vénus bela,  
Afeiçoada à gente Lusitana,  
Por quantas qualidades via nela  
Da antiga, tão amada, sua Romana;  
Nos fortes corações, na grande estrela  
Que mostraram na terra Tingitana,  
E na língua, na qual quando imagina,  
Com pouca corrupção crê que é a Latina. (Camões, 1972: I, 33)

Contudo, Camões não deixa de se enquadrar no programa tecido por António Ferreira, anteriormente apontado. Rejeitando o culto do latim como veículo de expressão poética e, na esteira dos estudos dos seus contemporâneos, procede a uma renovação linguística e estilística do português. É que a essa vertente entrelaça sabiamente os códigos retórico-estilísticos do petrarquismo, do neoplatonismo, da tradição bíblica de feição judaico-cristã e o vetor da lírica tradicional bebida na leitura do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (Cf. Castro, 2007: 323).

Esta vertente humanística é ainda enriquecida com o filão do saber de experiência feito. A vida de soldado e de navegador leva-o a valorizar o domínio da gíria militar, da arte da guerra, do saber náutico. As viagens e aventuras, os contactos com outras culturas, outros povos, abrem-lhe novas perspetivas para outros saberes, para a fauna e a flora, a astronomia, os fenómenos atmosféricos e até o contacto com outros idiomas. Em Camões concentra-se o saber empírico do seu tempo enquanto estímulo para uma força renovadora da expressão, da dinâmica ativa da língua e da criação poética que se projeta pelos séculos vindouros. A alta qualidade estética do seu discurso, reforçada pela invulgar criatividade idiomática, leva o Poeta, por outro lado, a um sábio aproveitamento do arcaísmo com intenção significativa, e conjuga o saber das grandes linhas do movimento cultural de Quinhentos



com a experiência ultramarina, a ponto de criar um idioleto singular e dificilmente confundível. Camões representa um ponto de viragem, entre o antes e o depois na evolução da língua, proporcionando um padrão à norma linguística, falada e escrita, sempre visando um ideal de correção e perfeição (Cf. Castro, 2007: 323–324).

Corroborando este parecer, assumimos as palavras do eborense chantre da Sé desta cidade, Manuel Severim de Faria, publicadas na sua obra *Discursos Vários Políticos*, de 1624:

Com esta sua obra ficou enriquecida a língua portuguesa; porque lhe deu muitos termos novos, e palavras bem achadas, que depois ficaram perfeitamente introduzidas. Posto que nesta parte não deixaram alguns escrupulosos de o condenar, julgando-se por defeito as palavras que usou no seu poema. Porém desta censura o absolverá com facilidade quem tiver notícia das leis da poesia, e da licença que é concedida aos Poetas para fingir, e derivar novas palavras, porque têm obrigação de falar ordenadamente, não podem deixar de enriquecer seus versos com palavras, ou usadas, ou novas, ou transferidas, que são as condições que ensinam os Retóricos para a Oração ficar com majestade, e fora do estilo humilde e vulgar (Faria, 1624, 116v-117).

Estava então traçada a fortuna de Camões e da língua portuguesa. Nos séculos XVII e XVIII pouco mais há a apontar, embora os cultores e defensores do nosso idioma como marca de identidade o pretendam melhorar e embelezar. Porém, há ainda muito a fazer para a fixação do Português padrão – objeto de trabalho de gramáticos e teóricos da língua. Numa reação de fundo popular contra a influência castelhana antes e, depois, contra a unificação dinástica da Península, que alcança o seu auge no domínio filipino, multiplicam-se as obras de caráter gramatical, como a *Ortografia da Língua Portuguesa*, de 1576, e a *Origem da Língua Portuguesa*, de 1606, ambas da autoria de Duarte Nunes de Leão; o *Método gramatical para todas as Línguas*, de 1619, de Amaro de Roboredo, e produzem-se novos dicionários ainda de Português-Latim. A par, uma intensa produção épica exalta as glórias nacionais e o espírito patriótico contraria os ventos da História e da política. Camões assume-se como a face da identidade

nacional e a língua portuguesa o seu meio de expressão maior. Criava-se e alimentava-se o espírito nacionalista com base neste binómio e a restauração da independência era uma certeza – que se concretizou em 1640. Depois disso, José de Macedo, pseudónimo de António de Melo da Fonseca, em *O Antídoto da Língua Portuguesa*, de 1710, reconhecia no nosso Poeta maior, e muito particularmente n’*Os Lusíadas*, que à época ainda competia com a *Gerusalemme Liberata* de Torquato Tasso (Cf. Ferro, 2004), uma autoridade linguística, porque entendia que os poetas são os melhores mestres da língua. E na sua esteira se comportariam outros tantos, como Francisco Leitão Ferreira, na *Nova Arte de Conceitos* (1718–1721), Francisco José Freire, nas *Reflexões da Língua Portuguesa*, Luís António Verney, Correia Garção, Jerónimo Soares Barbosa, entre muitos mais gramáticos, críticos, teorizadores de poética e retórica, e poetas, que reconhecem o primado de Camões, graças à sua ação modeladora na evolução da língua, justificando deste modo o seu lugar de posição no cânone literário usado nas nossas escolas ao longo dos séculos (Cf. Castro, 2007: 325–328).

Assim se confunde a lição camonianiana, a figura do Poeta, da “cara sem olhos”, como ele mesmo se definia, com a clara e rica expressão da língua pátria. Afinal trata-se que uma herança que legou não só às gerações vindouras, como também acaba por modelar na modernidade a consciência nacional duma comunidade de países de expressão portuguesa. Mais do que isso, o legado linguístico do português projeta-se depois numa série de espaços linguísticos e culturais que por vezes nos escapam. Além das numerosas comunidades portuguesas espalhadas pelos cinco continentes, mas com enorme fulgor nas Américas (Cf. Teyssier, 1982: 62–75), à medida que a gesta da expansão tinha lugar, estabeleciam-se contactos, laços e até novos povoamentos. Do convívio com os povos autóctones, configuravam-se modos de expressão mistos de comunidades multilingues com um fim comunicacional prático e imediato. Assim se geraram os numerosos crioulos de base lexical portuguesa, que nos chegam até aos nossos dias subdivididos em grupos: os crioulos da Alta Guiné, do Golfo da Guiné, indo-portugueses, malaio-portugueses, sino-portugueses, e do Brasil, de acordo com o critério da geografia linguística onde se desenvolveram. Outros

casos, em que o português se articula com o castelhano, conduzem-nos ao papiamento de Curaçau, Aruba e Bonaire, nas Antilhas, ou ao saramacano do Suriname. Também as variantes dos *pidgins*, enquanto línguas de comércio para efeitos de contacto direto, nos alertam para sistemas linguísticos miscigenados em que a língua portuguesa passou a ter uma importante quota-parte lexical, quer nas costas africanas, quer da Ásia, na Índia ou em Malaca (Cf. Teyssier, 1982: 76–80; Castro, 2004, 11–51). Não admira, por conseguinte, que figuras da envergadura do Cardeal Gilles de Viterbo da corte pontifícia no século XVI saudasse e se empolgasse com as notícias das descobertas e dos novos mundos desbravados pelos portugueses, frequentemente transmitidas nas orações de obediência dos embaixadores, para ficar a par das dimensões constantemente atualizadas do globo e do exotismo dos povos e das terras encontradas (Cf. Figueiredo, 1987). Afinal, foi em português que se constituiu o maior banco de dados da primeira grande experiência de globalização do mundo conhecido, abrangendo todas as áreas e disciplinas do conhecimento.

O século de Camões, mais do que contribuir para a normalização da língua literária e de expressão imediata do idioma, foi um alfofre para a germinação de numerosas formas e sistemas de expressão diferenciados. Tornou-se uma ponte de ligação entre povos, culturas e continentes. As aventuras do Poeta no Oriente e o contacto estabelecido pelos seus congéneres muito contribuíram para este fenómeno, que nos dias de hoje adquire uma revitalização significativa graças ao aumento do apreço dado ao património imaterial. Não é só o facto de grupos lusodescendentes orgulhosos das suas origens alcançarem o reconhecimento internacional compondo poemas e canções em crioulos de base portuguesa, como acontece com o grupo *Burghers Portugueses*, do Sri Lanka nos nossos dias, mas também manifestações do género começam a impor-se de forma global. Afinal são o fruto distante da surpreendente experiência de Fernão Mendes Pinto, quando encontra Inês de Leiria no interior desconhecido da China e se escuta inesperada e surpreendentemente pronunciar a oração mais popular do Cristianismo *Padre nosso, que estais nos céus...*

Noutros casos, de carácter mais pontual, se viajarmos para as longínquas ilhas do Pacífico, no Havai, por exemplo, não será sem a surpresa experimentada por Fernão Mendes que poderemos ouvir também palavras da língua de Camões na respetiva língua nativa. E se continuarmos a viagem para Ocidente e aportarmos ao Império do Sol Nascente, porventura também algumas das expressões mais usadas não soarão de todo de modo desconhecido. Criou-se até a crença que a forma mais cordial de agradecer entre amigos e no ambiente familiar – arigatô – teria origem na palavra portuguesa “obrigado”. Na realidade, este não é o caso, mas de qualquer modo, seria sempre uma pista que despertaria num ouvinte luso o mesmo sentimento que Fernão Mendes Pinto experimentou ao ouvir a oração que constituía a matriz da religiosidade inerente intrinsecamente ao carácter e à identidade do povo português.

### Referências bibliográficas

- BANZA, A. P. GONÇALVES, M. F. (2018), *Roteiro de História da Língua Portuguesa*, Cátedra UNESCO, Évora.
- CAMÕES, L. de (1972), *Os Lusíadas*, [Leitura, Prefácio e Notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Apresentação de Aníbal Pinto de Castro], Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa.
- CASTRO, A. Pinto (2007), “Camões e a língua portuguesa” em: Castro, A. Pinto (ed.), *Páginas de um honesto estudo camoniano*, Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, Coimbra, p. 315–328.
- CASTRO, I. (2004), *Introdução à História do Português. Geografia da Língua. Português Antigo*, Edições Colibri, Lisboa.
- CASTRO, I. (2006), *Introdução à História do Português. Segunda edição revista e muito ampliada*, Edições Colibri, Lisboa.
- FARIA, M. S. de (1999, 1 ed.: 1624), “Vida de Luís de Camões” em: Faria, M. S. de, *Discursos Vários Políticos*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, p. 97–152.
- FERREIRA, A. (2000), *Poemas Lusitanos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

- FERRO, M. (2004), *A recepção de Torquato Tasso na Épica portuguesa do Barroco e Neoclassicismo*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- FIGUEIREDO, F. de (1987), *A Épica Portuguesa do Século XVI*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- MAIA, C. de Azevedo (2017), *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI: (com referência à situação do galego moderno)*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- NETO, S. da Silva (1952), *História da Língua Portuguesa*, Livros de Portugal, Rio de Janeiro.
- PINTO, F. M. et al. (2017), *Primeira obra de aventura e contactos intercivizacionais Peregrinação*, Círculo de Leitores, Lisboa. [Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa, vol. 19].
- SARAIVA, A. J., LOPES, Ó. (1975, 8ª ed. corrigida e atualizada), *História da Literatura Portuguesa*, Porto Editora, Porto.
- TEYSSIER, P. (1982), *História da Língua Portuguesa*, Tradução de Celso Cunha, Martins Fontes Editora, São Paulo.
- VIEIRA, A. L. (1940), *Onde a Terra se Acaba e o Mar Começa*, Livraria Bertrand, Lisboa.